

MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE¹

Silvia Eliane de Oliveira Basso²
Tarcisio Miguel Teixeira³

BASSO, S. E. O. de; TEIXEIRA, T. M. Meio ambiente e sociedade. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 13, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 2013.

RESUMO: Vivemos tempos difíceis, disso ninguém duvida e esta exclamação está na boca de todos, independente do status social que ocupem. Fazer essa verificação é tão fácil e corriqueiro quanto angustiante e dolorido. A maioria de nós sente-se impotente por verificar e não saber o que fazer, ou anestesiado por preferir não pensar no assunto. Dentre as dificuldades de nosso tempo, a ameaça de cataclismo ambiental mundial têm sido uma das mais presentes. A exploração midiática, a cada abalo sísmico, tsunamis ou terremotos, mais aterroriza e deprime, do que informa e conscientiza. De quem é a responsabilidade? A quem compete fazer algo? Enquanto debatem autoridades, movimentam-se grupos da sociedade civil, procuramos nós, educadores/professores, atuar mais uma vez na tarefa de reforma pessoal, posto que somos exemplo, e este é um dos nossos ônus, e trabalhamos diariamente com um grande público, sempre reunido em um local apropriado (e quase nunca atentos para nos ouvir), e esse, é nosso bônus. Trabalhamos com educação e instrução, e nosso objetivo neste momento não é tratar especificamente do assunto, mas não podemos nos distanciar do fato de que todos os nossos atos e palavras são educativos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; Sociedade; Ética.

¹Texto escrito para, e a partir de nossas reflexões e estudos no trabalho com a disciplina de Meio Ambiente e Sociedade nos Cursos de Educação Ambiental e Controle Ambiental.

²Professora Mestre em Educação, do Instituto Federal do Paraná, Câmpus Umuarama. E-mail: silvia.basso@ifpr.edu.br

³Agrônomo, Biólogo, Filósofo, Mestre em Agronomia, acadêmico de Direito, Aluno do curso para Doutorado em Direito Constitucional, Professor efetivo IFPR campus Umuarama. E-mail: tarcisio.teixeira@ifpr.edu.br

ENVIRONMENT AND SOCIETY

ABSTRACT: We go through difficult time; nobody doubts that and, this exclamation is in the mouth of everybody, independently the social status they are. Verifying this is as easy and ordinary as annoying and painful. The majority of us feels helpless to verify and not to know what to do, or numb for preferring no to think about it. Among our time difficulties, the threat of the worldwide environmental cataclysm has been one of the present ones. The media exploration in every seismic tremor, tsunami or earthquake, more terrifies and depresses than informs and acquire knowledge about it. Who is responsible for it? Who is supposed to deal with it? While the authorities discuss about it, the civil society groups move, we, educators/teachers, seek to perform one more time in the personal improvement, as we are examples and this is one of our onus, and we work every day with a big audience, we are always together in an appropriate place (almost never attentive to listen to us) and this is our bonus. We work with education and instruction and our aim at this moment is not to deal with this, but we cannot be indifferent to the fact that our actions and words are educative.

KEYWORDS: Environmental education; Society; Ethic.

MEDIO AMBIENTE Y SOCIEDAD

RESUMEN: Vivimos tiempos difíciles, no hay duda, esa exclamación está en la boca de todos, independiente del status social que ocupen. Hacer esa verificación es tan fácil y normal como angustiante y dolorido. La mayoría de nosotros se siente impotente por verificar y no saber lo que hacer, o anestesiado por preferir no pensar en el asunto. Entre las dificultades de nuestro tiempo la amenaza del cataclismo ambiental mundial ha sido una de las más presentes. La exploración de los medios de comunicación, a cada abalo sísmico, tsunami o terremoto, más aterroriza y deprime que informa y concientiza. ¿Quién es el responsable? ¿Quién debe hacer algo? Mientras debaten autoridades, grupos de la sociedad civil se mueven, buscamos nosotros: educadores y profesores, actuar más una vez en la tarea de reforma personal, puesto que somos ejemplo, y este es uno de nuestros encargos, trabajamos diariamente con un gran público,

siempre reunidos en un local apropiado (y casi nunca atentos a oírnos), y ese es nuestro bonos. Trabajamos con educación e instrucción, y nuestro objetivo en ese momento no es tratar específicamente del asunto, pero no podemos distanciarnos del hecho de que todos nuestros actos y palabras son educativos.

PALABRAS CLAVE: Educación ambiental; Sociedad; Ética.

ÉTICA DO HUMANO

Para tratar do homem, da sociedade e de nossa vida nesta Terra, o professor de teologia, filosofia e ecologia, Leonardo Boff, descreve a ética do cuidar como inerente ao ser humano e, a nosso ver altamente significativa ao profissional de magistério, que precisa cuidar de si para cuidar do outro, e pensemos no cuidar aqui como algo muito amplo, parte da essência humana.

Por não nos cuidarmos, não cuidarmos do outro e do planeta, estamos doentes, e BOFF (1999, p.18-20) aponta os sintomas de doença:

- Descuido e desrespeito pelo outro;
- Menosprezo pela solidariedade;
- Descaso pela dimensão espiritual;
- Descuido com a coisa pública;
- Abandono e irreverência em relação à vida (planeta e espécies);
- Apelo à violência para resolver conflitos interpessoais e institucionais.

Vivemos uma preocupação excessiva com o passado e o futuro, que são na verdade formas de fuga e desresponsabilização, já que não temos como agir sobre o que passou nem sobre o que está por vir. Não temos muita consciência do presente e de nós mesmos, e infelizmente dessa forma estamos educando as crianças. Nosso método de educar pode estar levando tanto a nós, como as crianças, à loucura.

Ser um aluno de uma grande escola é uma experiência estranha. Se nos pedissem para organizar um escritório, será que fariamos as pessoas trabalharem para oito ou nove patrões por semana, em cinco diferentes grupos de trabalho em sete salas diferentes, sem mesas e sem cadeiras que pudessem considerar suas, sem terem lugar para guardar suas coisas, e além disso desaconselhadas – senão proibidas – de conversar enquanto trabalham? Mais ainda: será que interrompe-

riamos cada tarefa de meia em meia hora, para dar início a outra? É esta, com pouquíssimo exagero, a experiência dos alunos das grandes escolas secundárias. (SCHWARZ, 1990, p.48 *apud* CARVALHO JÚNIOR, 2004, p.20).

A escola tem nos intimidado e nos afastado de desafios e aprendizado. Não é uma crítica aos professores, mas sim ao teor da educação que só nos ensina os valores da sociedade de consumo.

Estudos indicam que há um princípio de integração, que devemos buscar, presente desde a Grécia Antiga com Heráclito, passando por Francisco de Assis e Dante Alighieri e chegando a Spinoza e Heidegger. Sem encontrar eco em nossas prioridades de consumo, conforto, liberdade e educação que propalamos, tais conceitos ficaram restritos às concepções privativas e secretas de cada um, manifestando-se, quase que exclusivamente nas religiões.

De acordo com Walter e Dorothy Schwarz, escritores de *Ecologia: alternativa para o futuro*, citado por Carvalho Júnior, trata-se de diferenciar o ambientalismo superficial que aceita as ideias da sociedade industrializada tentando resolver problemas ambientais, da ecologia, para a qual os problemas só serão resolvidos com a mudança do sistema de valores.

O pensamento ecológico é como um prisma que projeta luz sobre o pensamento iluminando-o em todas as direções (SCHWARZ):

Como ciência, mostra a interação das forças animadas e inanimadas; como filosofia busca interpretar o lugar do homem e de outros animais na natureza. A faceta ambientalista se refere ao cuidado com a terra e ao conceito de vida selvagem, bem como ao empenho na proteção de uma e de outra. [...] Nas facetas desse cristal vemos refletir-se aquilo que preferimos ver. Será a natureza uma infundável batalha entre as espécies em competição, uma arcádia de cooperação divinamente estruturada, ou simplesmente um celeiro de recursos para o progresso humano? Segundo o casal Schwarz, a ecologia não propõe soluções, sejam práticas, sejam idealistas, para os problemas do nosso tempo; seu objetivo mais profundo não é conhecer, mas sim conscientizar. (CARVALHO JÚNIOR, 2004, p.39-40).

Devemos repensar nosso modo de ser no nosso lugar, porque nosso modo de ser tem a ver com o nosso lugar.

A degradação crescente de nossa casa comum, a Terra, denuncia nossa crise

de adolescência. Importa que entremos na idade adulta e mostremos sinais de sabedoria. [...] Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e preservação de tudo o que existe e vive. (BOFF, 1999, p. 17).

Boff (1999) segue nos alertando que como consequência da degradação temos falta de fé e de esperança. Precisamos de religiões com mais espiritualidade; precisamos de nova ótica para nova ética; precisamos de educação com mais sabedoria; precisamos de uma análise da realidade (material) que leve em conta a subjetividade que lhe é inerente. Precisamos de um novo *ethos* (modelação da casa humana).

E para alimentar nossa esperança, esses movimentos já se iniciaram. Por toda parte há homens e mulheres, grupos das mais diversas composições e informações, movimentando-se pela liberdade e dignidade humana, pelos direitos de animais e da floresta. Teóricos do direito incitam a discussão qualificando-a como direito difuso ou coletivo – os chamados direitos de terceira geração. Concordamos com o Professor Gregório Robles (2005) que alerta para o fato de que toda prática e fundamentação dos direitos humanos devem fundamentar-se em razões lógicas, morais, pragmáticas e teóricas. O fato é que não podemos defender ou realizar aquilo de que não estamos convencidos de sua implantação tornar o homem e a sociedade mais justos.

Sem priorizar uma e outra ação já que a nossa práxis trata exatamente dessa relação, assim como são essenciais os movimentos sociais é essencial o trabalho do teórico.

Não há realização sem fundamentação, como não há prática coletiva eficaz sem idéias elaboradas e coletivamente assumidas. A função do teórico é exatamente a de fundamentar. Isso não é metafísica ou teologia camuflada, mas sim necessidade vital de orientação, profundo e emocionado compromisso de indagar até onde vamos, radical exigência de saber por que queremos o que queremos (ROBLES, 2005, p.03).

Teorizemos e apliquemos o direito ambiental. Que nossos juristas e jovens estudantes se dediquem ao tema como se dedicam pesquisadores na busca da cura ou prevenção a algum mal. Imbuídos pelo paradigma da humanidade, convençamo-nos da especialidade deste direito tornando-o

direito fundamental⁴.

Quando os direitos humanos, ou melhor, determinados direitos humanos, se positivam, adquirindo categoria de verdadeiros direitos processualmente protegidos, passam a ser direitos fundamentais em um determinado ordenamento jurídico. No entanto, isso só ocorre quando o ordenamento lhes confere um status e especial que os torna distintos, mais importantes que os demais direitos. Do contrário não seria possível distinguir os direitos fundamentais daqueles outros que são, por assim dizer, direitos ordinários (ROBLES, 2005, p. 7).

De tal forma o novo *ethos* ganhará corpo em morais concretas (valores, atitudes e comportamentos práticos) consoante as várias tradições culturais e espirituais. Embora diversas, todas as propostas morais alimentarão o mesmo propósito: salvaguardar o planeta e assegurar as condições de desenvolvimento e de coevolução do ser humano a formas cada vez mais coletivas, mais interiorizadas e espiritualizadas de realização da essência humana.

Fazendo um caminho de volta (para poder avançar) buscamos nas sociedades primitivas o modelo de coevolução em que as organizações sociais e econômicas mantinham harmonia com as estruturas ecológicas de seu meio ambiente. Nas nossas novas formas de organizar a sociedade e a economia fundadas nas ciências modernas e no capital, teremos que reinventar nossa capacidade de coevolução ao passo que adotamos/retomamos novos valores.

Uma das principais causas desta atual problemática ambiental foi atribuída ao processo histórico do qual emerge a ciência moderna e a Revolução Industrial. Este processo deu lugar à distinção das ciências, ao fracionamento do conhecimento, e à compartimentalização da realidade em campos disciplinares confinados, com o propósito de incrementar a eficácia do saber científico e a eficiência da aplicação deste saber nas cadeias tecnológicas de produção (LEFF, 2002). Desta forma, os processos naturais e culturais, que são condição e suporte de todo o processo produtivo e de desenvolvimento, são exteriores a uma economia e uma visão de mundo fundada no capital e no trabalho como fatores fundamentais de produção, ou seja, tanto a cultura como a natureza estão excluídas do paradigma científico e econômico clássico (LEFF, 2000 apud GAVIOLI, 2009, p.3).

⁴No Brasil são direitos fundamentais os que se encontram regulados entre os artigos 5º ao 17º, e segundo o doutrinador José Afonso da Silva, estão reunidos em cinco grupos básicos: individuais, coletivos, sociais, de nacionalidade e políticos.

O novo paradigma deverá, portanto, nascer do cerne do ser humano a partir do cuidado, transformando a ciência, a tecnologia e a crítica, em medicina para a Terra e para a humanidade.

NOVOS PARADIGMAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habitar deve significar vida adaptada aos ritmos da natureza e apoiada na história humana direcionada para o futuro, num lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico nas suas dimensões, físicas, sociais e mentais (CARVALHO JÚNIOR, 2004).

É difícil identificar mudanças enquanto estamos em processo. Como então ocorre a mudança? Como perceber e implantar novos paradigmas?

Considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modulares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KHUN apud CARVALHO JÚNIOR, 2004, p.25).

Aceitar o que existe antes como verdade parcial, admitindo o que de novo está ocorrendo. Inicialmente recebido com zombaria ou até hostilidade, enquanto vai ganhando influência e sendo reconhecido por uma nova geração, que reconhece alguma falha, equívoco ou anomalia que provoca mal-estar generalizado.

A educação para os novos paradigmas deve ser não mais aquela que ajusta os indivíduos à sociedade, mas aquela em que a sociedade aceita seus membros como únicos e autônomos.

Para autores como Capra (1988) a ecologia não é apenas uma forma renovada de humanismo e sim uma verdadeira revolução cultural, onde a Terra não é um conjunto de coisas, mas um verdadeiro organismo vivo, integrado, global – abordagem sistêmica.

A nova visão de realidade é uma visão ecológica, num sentido que vai muito além das preocupações imediatas com a proteção ambiental. Para enfatizar esse significado mais profundo da ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre “Ecologia Profunda” e “Ambientalismo Superficial”. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração mais eficiente do meio natural, em benefício do homem, o movimento

da ecologia profunda exigirá mudanças radicais em nossa percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Em suma, requer uma nova base filosófica e religiosa. (CARVALHO JÚNIOR, 2004, p.37).

Essa nova postura não é na verdade invenção dos novos tempos. Filosofias milenares já buscavam essa interdependência de todas as manifestações e integração com o cosmos. Não devemos olhar para esse discurso como manifestação mística de monges orientais ou *hippies* ocidentais na busca de mundo novo, fugindo do velho.

Não há um novo mundo. Nosso mundo é este mesmo, e nosso desejo não é utopia no sentido de impossível ou inalcançável. Na nossa realidade, difícil e cruel (porque assim a fizemos) a utopia deve servir para nos mover, para impulsionar o caminhar.

Desta forma nos compete, como educadores que somos, cumprir nosso papel de refletir primeiro, depois refletir com, enquanto ainda não somos capazes como humanos inseridos nessa realidade, de sermos diferentes da sociedade que compõe nossa *casa*.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, Vozes, 1999.

CARVALHO JÚNIOR, Antonio Ferreira de. **Ecologia profunda ou ambientalismo superficial?** São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

GAVIOLI, Felipe Rosa. Meio ambiente e sociedade: reflexões à luz da agroecologia. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.1, n.2, jan./ jul. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/1730/1409>>. Acesso em: 10 out. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONT'ALVERNE, Carlos Eduardo de Arruda. Direitos da terceira geração e cidadania. **Revista Jus Vigilantibus**, Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/43687>>. Acesso em: 3 maio 2010.

ROBLES, Gregorio. **Os direitos fundamentais e a ética na sociedade atual**. São Paulo: Manole, 2005.

Recebido em / Received on / Recibido en 15/09/2013

Aceito em / Accepted on / Acepto en 28/02/2014